

COVID-19 E A REINVENÇÃO DA VIDA A PARTIR DO RISCO DE FINITUDE: Um olhar a partir de Viktor Frankl

COVID-19 AND THE REINVENTION OF LIFE THROUGH THE RISK OF FINITUDE: A look from Viktor Frankl

COVID-19 Y LA REINVENCIÓN DE LA VIDA A TRAVÉS DEL RIESGO DE FINITUD: Una mirada de Viktor Frankl

Caroline Ferreira dos Santos

Enfermeira, Mestranda em Cognição e Linguagem - UENF, Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência.

Crisóstomo Lima do Nascimento

Psicólogo clínico, doutor em Educação, Mestre em Estudos da Subjetividade, pós graduação em Filosofia, prof. do Departamento de Psicologia da UFF de Campos dos Goytacazes, prof. do PPG em Cognição e Linguagem da UENF.

Resumo: A doença causada pelo novo coronavírus tem sido considerada uma grave crise sob o ponto de vista epidemiológico e, também, psicológico. O mundo está empenhado na tentativa de controlar um vírus que tem colocado à prova os sistemas de saúde e a forma como vivemos e nos relacionamos. Pretende-se com este artigo refletir sobre a finitude da vida anunciada de maneira tão original pela pandemia da COVID-19 e compreender a partir das análises do Neuropsiquiatra, pensador e filósofo austríaco Viktor Frankl a vivência subjetiva a partir da trágica situação de pandemia que deixa suas marcas na história da humanidade e desperta nas pessoas a necessidade de reinvenção da vida e descoberta de novos sentidos.

Palavras-chave: Covid-19; Sentido de vida; Finitude

Abstract: The disease caused by the new coronavirus has been considered a serious crisis from an epidemiological and also a psychological point of view. The world is committed to trying to control a virus that has put health systems to the test and the way we live and relate. This article aims to reflect on the finitude of life announced in such an original way by the pandemic of COVID-19 and understand from the analyzes of the Austrian neuropsychiatrist, thinker and philosopher Viktor Frankl the subjective experience from the tragic pandemic

situation that leaves its marks on the history of humanity and awakens in people the need to reinvent life and discover new meanings.

Keywords: *Covid-19; Sense of life; Finitude*

Resumen: La enfermedad causada por el nuevo coronavirus ha sido considerada una grave crisis desde un punto de vista epidemiológico y también psicológico. El mundo está comprometido a tratar de controlar un virus que ha puesto a prueba los sistemas de salud y la forma en que vivimos y nos relacionamos. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la finitud de la vida anunciada de manera tan original por la pandemia de COVID-19 y comprender a partir de los análisis del neuropsiquiatra, pensador y filósofo austríaco Viktor Frankl, la experiencia subjetiva de la trágica situación de pandemia que deja huella en la historia de la humanidad y despierta en las personas la necesidad de reinventar la vida y descubrir nuevos significados.

Palabras-clave: *COVID-19; Sentido de vida; Finitud*

INTRODUÇÃO

Em tempo de pandemia as afetações são diárias. Os canais de comunicação televisivos e virtuais, principalmente, despertam múltiplas emoções na população através de relatos que tratam as crises sanitária, da saúde, econômica, social, do sistema de ensino e, por conseguinte, a crise existencial despertada a partir da possibilidade da morte pela Covid-19 bem como o abalo nos parâmetros de supostas certezas e controles sobre as vidas cotidianas de todos nós.

Desde que se tem registro a relação do homem com a morte foi perpassada por representações carregadas de sentidos diversos, porém usualmente difíceis. Por ser um fenômeno inevitável e inerente à existência, em geral tende-se a criar subterfúgios para postergá-la ou esquecê-la reforçando uma tendência usual de negação e fuga, de modo mais ou menos inadvertido. Com o desenvolvimento da tecnologia e o avanço do pensamento científico a morte tem sido cada vez mais combatida e adiada, frequentemente

distanciando o ser humano de um debate mais profundo sobre essa possibilidade real e inesperada que é a morte e do que ela carrega consigo, de modo dialeticamente constitutivo, sobre a própria vida.

Porém, em se tratando da Covid-19, como enfermidade epidêmica amplamente disseminada, o atual contexto nos convoca, de modo inelutável, à lida com esta possibilidade constituinte da existência em virtude do potencial pandêmico de mortalidade. Segundo dados do World Health Organization (2020), o número de óbitos pelo SARS-CoV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), em 21 de julho de 2020 chegava a quase 608 mil no mundo. As taxas de mortalidade em diferentes países afetados pela pandemia promovem uma insegurança com relação a letalidade do vírus. Os valores estão condicionados a fatores do hospedeiro, questões que variam de país para país, cidade para cidade, sem contar as condições estruturais dos hospitais. A finitude possível e real constatada na pandemia, pode ser capaz de despertar novas possibilidades de reconfigurar a vida que se apresenta, a partir de cada um que a vive.

Este artigo de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico se ampara nas reflexões do neuropsiquiatra Viktor Frankl (1905 – 1997) para refletir sobre o poder que a anunciação subjetiva da finitude humana, vivida de modo intenso e frequentemente drástico no atual contexto de pandemia do COVID-19, tem de impelir o homem a um impulso de novos sentidos e ressignificação de sentidos norteadores de um momento ou se sua existência como um todo.

A abordagem ontológica do ser humano aprofundada por Frankl na Logoterapia tem por fundamento compreender homens e mulheres em sua totalidade. Viktor Frankl, importante pensador austríaco, neuropsiquiatra, que teve boa parte de sua produção intelectual originada a partir da estada em quatro campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, afirma que jamais se exclui a inevitabilidade do sofrimento na vida humana. Para Frankl, diante de qualquer situação difícil, tem-se liberdade pessoal para se criar novos sentidos.

A própria vida de Frankl constitui-se num perfeito “laboratório” para a sua teoria logoterápica, porém sendo também ele o “sujeito” do experimento numa das mais cruéis páginas da história da humanidade que foi a Segunda Guerra mundial. Tal acontecimento porém, além de inequivocamente trágico, serve como uma chancela de peso para a potência dos escritos de Frankl e, por conseguinte, a riqueza de suas reflexões sobre o sentido da vida diante de situações limítrofes do existir humano para pensá-los como importantes recursos teóricos de suporte para a reconfigurações de sentidos existenciais diante do inédito momento que vivemos, cercado de angústias, medos e inseguranças.

COVID-19 E O ABALO DA VIDA COTIDIANA SUPOSTAMENTE SEGURA.

O ano de 2020 trouxe consigo um fenômeno com poucos precedentes na história da humanidade. A pandemia da COVID-19 pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) tem se mostrado como um dos maiores, senão o maior, desafios sanitários em escala planetária deste século. Atualmente, por todo o globo, de modo predominante, o assunto mais pensado e discutido é referente a ele, que de modo inicialmente pontual, originado em Wuhan na China e posteriormente disseminado por todos os continentes, o surto do coronavírus, causador a pandemia do COVID-19, que tem assolado toda a população mundial deixando os governos ávidos por ações, senão ainda passíveis de extirpação do vírus, mas ao menos que consigam mitigar os alarmantes números de contaminações e óbitos decorrentes deste agente de alto de infecção e letalidade.

A Covid-19 tem alterado de forma abrangente e profunda os comportamentos pessoais e sociais, as famílias, a dinâmica econômica e tantos outros setores do mundo objetivo e subjetivo. Um vírus ainda desconhecido apesar de já intensamente estudado, tem promovido marcas profundas na sociedade em geral e principalmente na alma humana

decorrendo numa situação de emergência e crise com severos reflexos econômicos, sociais, acometendo também a saúde física e mental das populações, sobremaneira aquelas das parcelas mais vulneráveis social e economicamente, as quais em geral as ações e políticas públicas têm mais dificuldade em atingir e atender.

Os primeiros casos da doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, surgiram no final de 2019, em Wuhan, cidade com 11 milhões de habitantes capital da província de Hubei na China. Espalhou-se inicialmente pela China, em seguida pela Ásia. Segundo a OMS (2020), devido a disseminação por diversos outros países, o surto da doença foi considerado uma emergência de saúde pública de importância internacional a partir do dia 30 de janeiro de 2020.

Segundo Jackson et al (2020), fatores como a alta transmissibilidade do vírus, a grande proporção de infectados oligossintomáticos ou assintomáticos, estimada em mais de 30%, a inexistência de vacina e de terapia medicamentosa comprovada, a insuficiente cobertura de testes, a duração prolongada dos quadros clínicos e as experiências de outros países explicam as decisões que provocaram as medidas de isolamento social e que determinaram que só os serviços essenciais sejam mantidos.

Para o controle da disseminação da doença é fundamental a preservação da saúde dos grupos essenciais, além dos grupos que necessariamente precisam trabalhar por circunstâncias socioeconômicas. A manutenção das pessoas em isolamento, confinamento ou quarentena, torna-se, portanto, uma prática fundamental para um possível controle da pandemia (JACKSON et al, 2020)

Observa Medeiros (2020) que nenhum país está preparado para enfrentar uma epidemia como a causada pelo vírus SARS-CoV-2, que determina importantes impactos negativos na economia, na assistência médica e na saúde mental da sociedade como um todo. Para o autor, os hospitais enfrentam grandes desafios por terem que se organizar quanto ao atendimento, ampliar leitos de unidade de terapia intensiva, oferecer aos seus

profissionais os equipamentos de proteção individual além de contar com a capacitação desses mesmos profissionais.

Segundo Schmidt et al (2020), estudos têm sugerido que o bem-estar psicológico dos indivíduos é afetado pelo medo de ser infectado por um vírus potencialmente fatal, de rápida disseminação, cujas origens, natureza e curso ainda são pouco conhecidos. Casos de depressão, ansiedade e estresse diante da pandemia têm sido identificados e analisados na população geral e, em particular, nos profissionais da saúde que enfrentam diretamente o vírus por cuidarem dos pacientes por ele infectados. Desfechos de vida através do suicídio também foram destacados como potencialmente ligados às implicações psicológicas da COVID-19 em alguns países como Coreia do Sul e Índia.

Em todo o mundo há grandes desafios frente aos impactos negativos proporcionados pela pandemia, sendo necessário de maneira urgente remodelar a assistência à saúde e intensificando investimentos não só em aparelhagem e tecnologia, mas também em educação permanente e continuada. Trata-se de uma nova realidade imposta a milhares de pessoas de todos os continentes pelas contingências decorrentes da pandemia de COVID-19.

A grande ameaça representada pelo Coronavírus, inimigo invisível a olhos nus demandou um inevitável enfrentamento por todos às suas próprias resistências à virtualização, trouxe forçadas mudanças nas organizações mínimas cotidianas nas vidas de todos, como alterações nas rotinas, modalidades e naturezas de ensino, trabalho, socializações e consumos virtuais impactando de modo substancial todo o mundo.

Com isso a internet transformou-se num recurso fundamental para os estudos, trabalhos, lazer, além de importante recurso de minimização do isolamento social, estratégia esta tida como a mais eficaz para a contenção da propagação indiscriminada do vírus. Entretanto, a maior exposição ao grande volume de informações e a busca desenfreada por notícias na internet também traz, juntamente com informações técnicas e qualificadas sobre este cenário

tão assustador e inusitado, notícias trágicas de grande impacto emocional, bem como informações desencontradas ou até falsas, as chamadas fake news, que acabam colaborando em agravar o ambiente de incertezas e inseguranças com inevitáveis comprometimentos do estado emocional e, por conseguinte, saúde psíquica da população, intensificando ainda mais sentimentos de angústia.

A FINITUDE DA VIDA ANUNCIADA PELA COVID-19

A pandemia do novo coronavírus é a maior emergência de saúde pública que o mundo enfrenta em décadas. Além das preocupações relacionadas à saúde física, preocupações quanto ao sofrimento psicológico que pode ser experienciado pela população em geral também é encarado com grande inquietação.

A hospitalização é um evento muito desafiador tanto para o paciente quanto para seus familiares. O estado de doença e a necessidade de internação hospitalar representam para o indivíduo um momento de fragilidade, angústia e medo uma vez que ele sai do seu lar e da companhia de seus familiares, para um ambiente estranho e despersonalizado. A internação pela COVID-19, em particular é ainda mais solitária por dispensar, na maior parte das vezes, a presença dos familiares por conta do risco de contaminação e disseminação da doença.

O caráter de complexidade do existir permite emergir, por vezes, questões e reflexões que nem sempre são passíveis uma compreensão plenamente objetivada. Este é o caso aqui, em que a própria vida, marcada neste tempo pela inelutável proximidade com a sua finitude, pensarmos a morte.

A morte é um acontecimento inevitável e está, definitivamente, ligada à vida, fazendo, portanto, parte integrante desta. Entretanto, a cultura ocidental moderna nega sua existência sustentando como paradigma predominante o modelo científico e biomédico demarcando uma cisão dicotômica e binária entre a doença e o doente, bem como entre a morte e a vida (Ariès, 2003).

Com isso é inegável que a morte segue sendo um tabu, revestido de complexidades, incertezas e angústias para o homem, tendo como um de seus desdobramentos por exemplo uma sociedade altamente medicalizada e duramente temerosa da morte, desenvolvendo uma incessante busca por sua postergação a qualquer preço, como também o reforçamento na crença de uma utópica imortalidade.

Certamente, a temeridade do processo de morrer pela Covid-19 aumenta com a idade, uma vez que o maior número de mortes é de idosos, em pessoas portadoras de doenças crônicas. Analisa Santos et al (2020):

O processo de morrer e a temeridade da morte, por parte dos doentes, familiares e profissionais de saúde, passa a ser foco dos noticiários, e não se fala mais na morte de uma pessoa, mas em números de mortes. A morte se distancia do seio familiar, alcançando um espaço tenebroso das estatísticas. Aqui, vale destacar, que a mesma morte se diferencia quando ela chega à família de cada um de nós, a dor emocional associada à comoção social se multiplica e passa a ser uma dor familiar.

A expansão acelerada do número de óbitos por COVID-19 é alarmante e gera preocupação em todo o mundo. Devido ao alto grau de transmissibilidade, as vítimas em estado grave são afastadas dos seus familiares, sem direito a visitas. Pensar o processo de morrer e a morte nesse contexto é algo extremamente complexo, uma vez que, em vários casos, não há despedidas.

Para Santos et al (2020), o sofrimento familiar resultante da dor emocional decorrente da perda, assim como dos pacientes em estado iminente de morte distante dos seus entes queridos, gera aflição e é percebida por todos, inclusive pelos profissionais da saúde. Estes, além de prestarem os cuidados, precisam trabalhar com familiares e pacientes a necessidade do

isolamento, e, ao mesmo tempo, proporcionar a todos momentos de amor e compaixão.

Em particular, os enfrentamentos psicológicos do grupo de pessoas que são casos suspeitos ou confirmados, e que precisaram ser hospitalizados, além dos pacientes que estão vivenciando o processo de terminalidade ou a morte de familiares, anunciam a finitude presente na nossa existência. E, falar de morte é algo culturalmente difícil. A pandemia nos traz a constatação de que somos humanamente finitos.

Na perspectiva das reflexões existenciais do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), por exemplo, quando se refere ao homem com o termo *Dasein*, ou ser-aí, , haveria um comprometimento ontológico deste ente que somos com três aspectos fundantes e originários na existência, a saber, a temporalidade, o cuidado e a finitude. Além disso, para o filósofo da Floresta Negra, finitude não diz primordialmente término exclusivamente como morte do corpo físico. Finitude é o caráter da própria temporalização existencial, ou seja, ela marca a sua trajetória no seu permanente exercício de ser-aí finito e impermanente. Sendo assim, é justamente esta condição ontológica de transcender-se a partir de sua condição originária e permanente de finitude que coloca o pensamento do filósofo alemão de tradição existencial no prelúdio das reflexões do neuropsiquiatra austríaco estruturante do referencial teórico aqui adotado, a quem passaremos a seguir.

VIKTOR FRANKL: UMA VIDA DESTINADA À COMPREENSÃO DO SENTIDO DA VIDA.

Viktor Emil Frankl, Médico, Neuropsiquiatra, pensador austríaco, foi o fundador da Logoterapia, escola psicológica de caráter fenomenológico existencial e humanista, conhecida também como a Psicoterapia do sentido da vida e a dimensão espiritual da existência ou, ainda, a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia. Além da influência do pensamento da escola filosófica do existencialismo, o conhecimento do percurso de vida e dos duros

episódios que o acometeram são decisivos para se compreender a edificação teórica de Frankl e, por conseguinte, a sua escolha para subsidiar as ideias para se pensar a morte neste estudo.

Ainda jovem, enquanto ainda cursava o ensino médio, Frankl já despertava um diferenciado interesse por temas relativos a filosofia e a psicologia. Mesmo ainda talvez sem se dar conta disto, a logoterapia já dava seus primeiros ensaios em seus pensamentos quando ainda ao final da adolescência, com apenas dezesseis anos de idade, proferiu a sua primeira palestra, chamada Sobre o Sentido da Vida, ensaiando os primeiros passos no tema que viria a se consolidar como o traço fundamental do grande pensador que viria a ser e tornar-se o seu maior legado, o Sentido da vida. Como vemos, portanto, o interesse de Viktor por temas relativos a psicologia, filosofia e comportamento humano datam ainda de seu ensino médio, que encerra com o trabalho de conclusão intitulado Sobre a Psicologia do Pensamento Filosófico (1923).

Mesmo enquanto ainda cursava medicina, Viktor nunca foi indiferente às questões políticas de seu tempo e integrou o Partido de Jovens Trabalhadores Comunistas, chegando a ser presidente deste no ano de 1924. Tal envolvimento político repercute na escolha do autor de permanecer em terras austríacas mesmo com a invasão alemã na Segunda Guerra, fato este que virá a ter importantes consequências sobre sua vida pessoal, tanto trágicas quanto paradoxalmente fundamentais para a edificação de seu pensamento e construção de sua notória e expressiva trajetória profissional e intelectual.

Com esta promissora caminhada na seara do comportamento humano que se iniciara, não tardou a Frankl ter contato seu grande compatriota, criador da psicanálise e já com grande expressão internacional Sigmund Freud que, ao incentivá-lo a dar seguimento em seus estudos sobre a subjetividade humana, contribui para a publicação do primeiro artigo científico de Frankl na revista *International Journal of Individual Psychology*, com apenas dezenove anos de idade.

O tema da morte começa a surgir no exercício intelectual de Viktor concomitantemente às próprias inquietações sobre o sentido da vida ainda no início da faculdade de medicina quando o iminente neuropsiquiatra começa a desenvolver projetos paralelos a sua formação ligados a prevenção ao suicídio para os estudantes. Este trabalho se constitui no grande e principal contexto reflexivo na vida de Frankl para a consolidação progressiva da aproximação da filosofia com a psicologia na investigação sobre o sentido da existência humana dialeticamente articulado com o tema do sofrimento e da morte.

O brilhante percurso se consolida e com apenas 25 anos de idade Viktor Frankl, agora já notado pela comunidade científica e médica Austríaca é convidado a assumir a responsabilidade por uma ala conhecida por pavilhão do suicídio num hospital psiquiátrico em Viena. Em 1938, Frankl já atendia em seu próprio consultório de neurologia e psiquiatria já merecendo a pecha de ter sido o profissional autor de uma modalidade de tratamento terapêutico constituído no preenchimento do vazio existencial decorrente do sofrimento com um sentido. Também é deste período que data o início do relacionamento daquela que viria a ser sua esposa, a enfermeira Tilly Grosser, que trabalhava no hospital onde o médico atendia, personagem junto com Frankl e toda a sua família de um acontecimento de grande impacto que estava por vir.

Em março de 1938 as tropas nazistas promovem a anexação político-militar da Áustria e todos os judeus, assim como família judia de Frankl, ficam ameaçados. A forte obstinação ético-profissional e ideológica de Viktor, entretanto, o fazem abdicar do direito de fazer uso do visto que tinha e viver nos Estados Unidos e permanece em Viena trabalhando e salvando milhares de judeus da morte recusando-se a recomendar eutanásia aos pacientes com doenças mentais conforme ditava o novo Regime.

Com o inevitável e veloz avanço do antijudaísmo pela Áustria a família de Viktor Frankl é atingida. Tilly Grosser, agora sua recém esposa e grávida é obrigada a abortar pelas tropas nazistas. Os pais e a irmã de Viktor são capturados pelo Regime e enviados para diferentes campos de concentração diferentes, bem como ele e a esposa. Tilly e o pai de Viktor morrem de exaustão e a mãe nas câmaras de gás neste bárbaro episódio da história da

humanidade. A irmã sobrevive refugiada na Itália e Viktor vive os três anos mais terríveis de sua vida alternando-se entre quatro campos de concentração, aprisionado sob condições degradantes que o levaram a atingir impressionantes 45 kg de peso.

Como dito anteriormente, tal episódio da vida pessoal de Viktor Frankl é de suma importância ser relatado pois constitui experiências decisivas nas elaborações teórico-filosóficas do pensador, tanto que muitas delas tornar-se-ão mensagens de esperança em uma de suas obras de maior sucesso *Em Busca de Sentido* (1946) escrito em inimagináveis nove dias a partir de anotações que, não menos surpreendentemente, Frankl conseguiu conservar consigo mesmo diante de mais de três anos de trabalhos forçados sob condições miseráveis e desumanas.

A logoterapia de Viktor Frankl portanto, mais do que uma mera elaboração teórica, é fruto de um vigoroso exercício de superação humana diante de situações de sofrimento humano limítrofes e explica assim a intrínseca relação entre sofrimento e sentido de vida para o médico vienense que teve a oportunidade de viver e presenciar de perto o valor do sentido da vida, tendo também a oportunidade de analisar a maneira como o homem é capaz de transcender situações desumanizadoras que vive, mantendo uma espécie de liberdade interior e, desta maneira, não desistir ou até recriar sentidos de vida para o momento ou até para toda a sua existência.

Desta forma, Frankl analisa os processos através dos quais o ser humano constata a finitude de sua vida, encontrando uma oportunidade de criar, através da vivência do sofrimento, um sentido. Nesses tempos de pandemia, de grande tensão, mortes e luto, o sofrimento psicológico gerado por todo o contexto atual é inegável. Tal sofrimento experimentado poderá se traduzir em emoções negativas ou até mesmo em transtornos psicológicos, além da perda do sentido de vida. Nesse sentido, portanto, Frankl analisa em seu livro *Em busca de sentido* (2016):

Quem conhece as estreitas relações existentes entre o estado emocional de uma pessoa e as condições de imunidade do organismo, compreenderá os efeitos fatais que poderá ter a súbita entrega ao desespero e ao desanimo.

Apesar de todos os desafios vividos no campo de concentração, Frankl observava que alguns prisioneiros buscavam uma possibilidade de se retirarem daquele ambiente terrível e se refugiarem num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior, como única opção para aliviar o sofrimento, uma forma de fuga para dentro de si. Contextualizando com o atual cenário de pandemia que a humanidade está vivenciando e os enfrentamento de ordem econômica, social e sobretudo de perdas solitárias, torna-se importante e urgente refletir sobre a busca pela interiorização como estratégia para esquecer por completo o mundo que nos cerca e todo o horror da situação atual. Essa parece ser a única explicação para o paradoxo que Viktor Frankl analisa de, as vezes pessoas aparentemente delicadas conseguem suportar melhor a vida num campo de concentração do que as pessoas de natureza mais robusta.

Em seu livro *A vontade de sentido* (2011), Frankl analisa uma frase dita por Albert Einstein, “o homem que considera a própria existência como desprovida de sentido, não é só infeliz, como também dificilmente consegue adaptar-se a vida”. O contexto caótico de disseminação da doença e a finitude que ela anuncia, nos convida a reconfigurar os pequenos sinais de sentidos percebidos no dia a dia. Estes sinais permitirão a percepção de um sentido mais profundo e transcendente da vida.

O momento sensível e dramático que a humanidade está vivendo tem despertado uma pluralidade de sentimentos e emoções visíveis nas falas das pessoas de variados grupos sociais. Observa Silva (2020) que a quarentena, o distanciamento e o isolamento social tem despertado a angústia, a incerteza, o medo, a tristeza, o “desaparecimento de si”, mas também mudanças de sentidos e sentimentos que já não eram tão habituais na sociedade atual como a solidariedade, a empatia, a aproximação afetiva, a reconstrução de vínculos, a sensibilidade, o estar juntos, sentimentos visíveis nesses tempos de pandemia.

É importante observar que durante as epidemias, o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas

afetadas pela infecção. Tragédias anteriores mostraram que as implicações para a saúde mental podem durar mais tempo e ter maior prevalência que a própria epidemia e que os impactos psicossociais e econômicos podem ser incalculáveis (ORNELL et al, 2020).

Não obstante ser um fenômeno natural e característico da realidade humana, as reflexões relativas a morte reivindicam singular atenção pelos sentidos usualmente constitutivos de tal experiência, sobremaneira na sua dimensão psíquica singular.

Entendemos serem análogas as experiências vividas por Frankl nos campos de concentração, no que diz respeito à proximidade visceral com a experiência da finitude humana, morte que “rondava” de modo iminente aquelas desesperadas pessoas confinadas sob os mais diversos exercícios de tortura, físicas e psicológicas, com a ameaça invisível que se constituiu o Coronavírus, anunciando o caráter ontológico da finação humana. Mais do que isso, tal anúncio tem também o poder de permitir a emersão da condição também ontológica do homem de transcender seus próprios sentidos e reconfigurar seu campo existencial-simbólico e desenvolver formas próprias de superação de situações limítrofes como as que aqui apresentamos.

Por fim, podemos afirmar que na perspectiva de Viktor Frankl o homem é um ser bio-psico-sócio-espiritual, único, permanentemente inacabado, responsável pelas suas escolhas e capaz de se posicionar e transcender os aspectos condicionantes do existir, exercendo de forma livre a sua liberdade ontológica de assumir suas responsabilidades a partir de cada escolha que realize, e no caso atual em que nos encontramos, todos somos capazes pela própria condição de humanos, efetuarmos re-significações existenciais que nos inspirem e motivem pensamentos e ações protagonizadoras do enfrentamento necessário a se suplantar este momento de tamanhas incertezas e inseguranças que nos assolam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia provocada pelo novo Coronavírus, uma das maiores do nosso tempo, ainda em expansão no planeta e crescendo assustadora, nos posiciona frente a um cenário com a temida morte. Os noticiários tratam na morte de uma pessoa, mas do número de mortes. Como agravante tem-se a ausência da oportunidade de um momento para despedidas, pacientes morrendo em companhia apenas dos profissionais de saúde, e os corpos seguindo direto para os cemitérios. A pandemia nos traz a constatação de que somos humanamente finitos. Diante disso, torna-se fundamental e urgente compreender os sentidos que podem e devem ser reconfigurados a partir da vivência de situações tão devastadoras como a que a humanidade está enfrentando.

Viktor Emil Frankl, Médico e Neuropsiquiatra austríaco fundador da Logoterapia, conhecida também como a Psicoterapia do sentido da vida e a dimensão espiritual da existência ou, ainda, a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia propõe uma compreensão do homem em sua totalidade considerando-o um ser bio-psicosócio-espiritual que, no exercício de sua liberdade ontológica, é capaz de suportar o sofrimento, mesmo quando a vida parece não ter qualquer significado e reedificar cadeias simbólicas no existir.

Além da influência do pensamento da escola filosófica do existencialismo, o conhecimento do percurso de vida e dos duros episódios que o acometeram são decisivos para se compreender a edificação teórica de Frankl e, por conseguinte, a sua escolha para subsidiar as ideias para se pensar a morte neste estudo.

Partindo da análise da bibliografia do Neuropsiquiatra Viktor Frankl, que afirma que o indivíduo não pode excluir a inevitabilidade do sofrimento na sua existência. Entretanto, diante de qualquer situação, por mais difícil que seja, tem-se a liberdade pessoal para um posicionamento perante as circunstâncias da vida, visando dar sentido tanto a elas quanto à própria dor e ao sofrimento.

Com isso trazemos aqui a possibilidade da análise existencial na perspectiva Frankliana, ou logoterapia, nos fornecer subsídios para uma lida

com o atual momento pandêmico que nos circunscreve de modo que a insegurança e medo gerados pelo eventual risco de finitude que tem nos rodeado seja, por outro lado, motivo de uma postura resiliente e confiante quanto a sua possibilidade de superação a partir do emergir sentidos de momento e vida sustentadores positivos do caráter de indeterminação da existência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro; 2003.

BRASIL, Ministério da Saúde (MS), Boletim Epidemiológico, Infecção Humana pelo Novo Coronavírus (2019-nCoV), Centro de Operações em Emergências em Saúde Pública- COE/nCoV, Secretaria de Vigilância em Saúde, COE 01 Jan, 2020.

FUKUMITSU, O. K. **Vida, morte e luto**: Atualidades brasileiras. Summus editorial. São Paulo, 2018.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Editora Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um Psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo I**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JACKSON FILHO, J. M. et al. **A saúde do trabalhador e o enfrentamento da COVID-19**. Rev. bras. saúde ocup.[Internet], v. 45, p. e14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369ED0000120> Acesso em: 25 de jul. 2020.

MEDEIROS, E. A. S. **A luta dos profissionais de saúde no enfrentamento da COVID-19**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 33, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2020EDT0003> Acesso em 25 jul. 2020.

SANTOS, M. C. Q.; VILELA, A. B. A.; BOERY, R. N. S. O.; SILVA, R. S. S. **O processo morrer e morte de pacientes com COVID-19**: Uma reflexão à luz

da espiritualidade. *Cogitare Enfermagem*, v. 25, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.73571> Acesso em: 25 de jul. 2020.

SCHMIDT, B. et al. **Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19)**. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2020000100501&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 25 de jul. 2020.

SILVA, S. G. **Pandemia e afetações das emoções**: reflexões sobre a realidade da Covid-19 no estado do Amapá. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, 2020. ISSN 1676-8965. Disponível em: https://grem-grei.org/wp-content/uploads/2020/05/8_Selma_RBSEv19n55abril2020_Supl-Especial_mai2020.pdf Acesso em: 26 de jul. 2020.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. **Pandemia de medo e COVID-19**: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Revista debates in psychiatry*, 2020. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/63220777/PandemiademedeCOVID-19impactona20200506-102677-146aa84.pdf> Acesso em: 25 de jul. 2020.

World Health Organization. WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 21 de jul. 2020.